

mudar de vida

António Manuel Lima (coord.)

António Manuel S. P. Silva

Filipa Cortesão Silva

Maria Pilar Reis

José d'Encarnação

Rui Morais

Virgílio Hipólito Correia





Prefácio

Comemora-se este ano o trigésimo aniversário da classificação da Área Arqueológica do Freixo como Monumento Nacional.

Com os seus 50 hectares este monumento, cuja gestão está a cargo da Direção Regional de Cultura do Norte, constitui uma das maiores extensões de área classificada a merecer esse estatuto no nosso país. Como se a sua enorme dimensão não constituisse, por si só, uma garantia de afirmação no panorama português do património cultural classificado, a Área Arqueológica do Freixo soube afirmar-se também por outras vias.

O projeto de investigação, formação, gestão, dinamização e valorização patrimonial que aqui foi implementado desde 1980 sob a liderança de Lino Augusto Tavares Dias, permitiu desde logo afirmar as ruínas romanas de *Tongobriga* e a aldeia histórica de Santa Maria do Freixo como as duas realidades patrimoniais – distintas mas complementares – mais relevantes do espaço classificado.

A elas acresce uma vasta extensão de terrenos que foram sendo adquiridos pelo Estado e que, além de constituírem uma fonte inesgotável de conhecimento científico pela imensa riqueza arqueológica que os seus solos encerram, constituem também – fruto do trabalho de permanente manutenção e tratamento dos cobertos vegetais – imensos espaços de lazer ao serviço de todos.

A qualificação patrimonial da Área Arqueológica do Freixo foi ainda mais além através de um conjunto de intervenções arquitetónicas contemporâneas que permitiram, para além de albergar os diferentes serviços ligados à investigação e formação, alargar o conjunto de equipamentos culturais ao serviço da comunidade.

Entre eles permitimo-nos realçar o Auditório e o Centro Interpretativo, ambos construídos ainda na primeira década do século XXI, mas só agora verdadeiramente postos à disposição de todos, mercê da execução de um projeto que em boa hora juntou, como parceiros e co-promotores, a Direção Regional de Cultura do Norte e a Câmara Municipal de Marco de Canaveses e que contou com financiamento comunitário para o efeito.

Eis-nos, pois, perante um momento de vital importância na vida deste sítio: depois da inegável afirmação das suas ruínas arqueológicas no contexto da comunidade científica nacional e internacional, a abertura da exposição permanente do Centro Interpretativo de Tongobriga irá permitir acrescentar uma nova dimensão à sua existência. Estamos, finalmente, em condições de narrar uma história, dando sentido aos achados arqueológicos que, deste modo, passam a estar integrados num discurso coerente que permite a apreensão do seu significado.

António Ponte
DIRETOR REGIONAL DE CULTURA DO NORTE

*Para uns, o romano
seria uma fonte de admiração.*

*Transformar-se num deles,
seria uma legítima aspiração pessoal.*

*Para outros, uma inaceitável negação
da sua identidade.*

*Para outros ainda, apenas
uma estranha forma de vida.*

*Para todos, em duas ou três gerações,
seria uma realidade.*

*Em menos de um século, todas as resistências
e inércias seriam vencidas.*

*E, do nascimento à morte,
todas as etapas da vida
estariam impregnadas de romanidade.*



desfrutar

EXALTAR A VIDA



Exaltar a vida

Maria Pilar Reis

O conjunto escultórico de Vénus agachada com Eros é um exemplo, entre tantos outros dos expostos no Museu Nacional de Nápoles, que materializa um conceito de beleza, harmonia e delicadeza que sem qualquer esforço hoje compreendemos na perfeição. A deusa, agachada, espera que lhe ponham água nas costas, com o braço esquerdo delicadamente apoiado na coxa, e o braço direito segurando o cabelo para que não se molhe. A sua face, arredondada, de nariz direito, vira-se num sorriso maternal para o pequeno Eros que, com as suas diminutas mãos, se presta a ajudar a deusa. Originalmente esculpida por artesãos gregos – esta seria cópia da do escultor Doidalsas de Bitínia, de meados do séc. II a.C. – foi repetidamente copiada em período romano e colocada nos jardins, privados, mas também nas termas públicas. Era um tema frequente o de Vénus, bela, sensualmente representada, e que integrava a arquitetura daqueles jardins desenhados para o prazer da vista. Esta arquitetura paisagista foi uma das artes em que os romanos se destacaram: decoravam o pátio central das casas, o *peristylum*, com arbustos, ervas aromáticas e flores odorosas. Ao centro, ou lateralmente, colocavam fontes com pequenas estátuas em mármore ou

em bronze e repuxos que musicavam a frescura de uma natureza construída. É conhecida uma destas estátuas em bronze representando um pavão com a cauda móvel que, quando passava a água, desenhava um curioso círculo. Ou aqueles pequenos pássaros autômatos, que imitando o seu canto, criavam estupefação entre quem os via e ouvia. Nos corredores porticados pintavam, por vezes, o prolongamento imaginado desses jardins: com pássaros, esculturas e paisagens inventadas. E no chão, tapetes de mosaico representavam complexos desenhos geométricos, às vezes introduzindo breves episódios da mitologia, como que recordando ao observador que os deuses habitavam no quotidiano. Na antiga cidade de Conimbriga ainda hoje podemos apreciar algumas dessas casas, como as de Cantaber ou dos Repuxos, onde num ambiente privado se deleitavam de tão esplendidos jardins. Mas estes paraísos domésticos estavam reservados só aos mais distinguidos cidadãos de uma comunidade.

A sociedade romana foi, sem dúvida, aquela que por primeira vez entendeu que a democratização do belo e do prazenteiro em larga escala não era só uma demonstração pública de poder, mas um meio efetivo de controlo das massas. A harmonia

e a beleza de certas construções públicas que compunham as cidades romanas eram uma manifestação clara de poder e do domínio que esta sociedade, há dois mil anos, tinha sobre a engenharia civil e a arquitetura. Os aquedutos, as fontes públicas e os ninfeus, mas também as extensas redes de saneamento e abastecimento de água às casas, a construção de latrinas públicas, a pavimentação das ruas e os passeios porticados, eram formas óbvias de transformar o ambiente urbano num espaço vivível e apetecível, impondo-se como uma ilha cosmopolita frente aos núcleos indigenas, de ruas barrentas e casas de teto em palha. Há de facto nesta construída beleza uma vontade explícita de marcar uma diferença e de seduzir a população. E aqui se introduz a novidade. Não é só o rico e o poderoso que desfrutava desses ambientes, o cidadão podia agora caminhar nas praças públicas – o *forum* – e apreciar a beleza compositiva do templo principal, ou as mais belas esculturas, algumas de um grande realismo, que cada um dos poderosos locais se fatigava por oferecer na praça principal. Mas houve entre todos os sítios um espaço que melhor uniu a harmonia e beleza com a sua usufruição: as termas públicas. São elas uma construção romana no conceito e na arquitetura. As termas públicas estavam em

todas as cidades, fossem elas junto ao Tâmega, na velha *Tongobriga*, ou na longínqua *Leptis Magna*. A sua magnificência arquitetónica atingiu níveis insuspeitos. Em Roma, as Termas de Diocleciano ocuparam uma área de quase 14 ha, admitindo mais de 3.000 pessoas ao mesmo tempo; nessas termas, como nas de *Tongobriga* numa escala bastante inferior, existiam espaços dedicados aos banhos quentes, onde o banhista se submergia em banheiras de água quente, ou suava nas saunas – os *sudatoria* – ou se refrescava nos tanques de água fria do *frigidarium*. Podia, também, nadar na piscina ao ar livre e terminar com uma depilação corporal, à qual se sucedia uma unção de óleos perfumados. E nas termas também podia ler, ir ao barbeiro ou fazer desporto. De facto, para os romanos, o desporto formava parte do quotidiano e as multidões seguiam com afínco alguns dos acontecimentos mais importantes, como as famosas corridas de cavalos nos *circus*, de grande sucesso na Hispânia, ou as caçarias e sangüinárias lutas de gladiadores que levantavam anfiteatros inteiros perante a coragem de alguns lutadores, na sua maioria escravos. Mas também nos anfiteatros e nas termas, e nos ambientes privados, se ouviam as peças teatrais, sendo o mimo – farsas da vida

quotidiana – e a pantomima – relato de cenas mitológicas acompanhadas de coro e orquestra – os géneros mais aplaudidos. Algumas das peças musicais que as acompanhavam geraram tanto sucesso que o público interrompia o ator para cantar em uníssono uma determinada canção. E a música foi também ela um elemento fundamental na sociedade romana. São conhecidas as descrições dos órgãos, dos quais se dizia saía música celestial. Tal era o seu encanto que Plínio dizia que quando soava um órgão em Pompeia os golfinhos aproximavam-se à praia para o ouvir. Mas, se na esfera pública, a ostentação das construções com templos, termas, praças e fontes forradas a mármore era algo para deleite de todos que nas ruas transitavam, por trás dos altos muros das casas, por regra sem janelas para o exterior – pois assim eram mais seguras –, o luxo íntimo expressava-se na arquitetura, nos banhos privados e na baixela da casa. Pratos e travessas em cerâmica fina provenientes de outros pontos do império, copos em vidro multicolor ou decorado, ou muito mais exclusiva, a baixela em prata, ricamente decorada com cenas mitológicas, habitavam os armários dos cidadãos mais acomodados. Obviamente, havia alimentos que também se consideravam luxuosos, como alguns condi-

mentos provenientes do Oriente, certos vinhos, ou determinado tipo de pratos confeccionados, que *Apicius*, um autor latino, descreveu num tratado de cozinha. E ainda toda a decoração da casa, as estátuas, o mobiliário com apliques em bronze ou mesmo em prata, e soberbos trabalhos de marcenaria. Os tecidos também eram utilizados no ambiente doméstico: cortinados, almofadas e revestimento de móveis e tapetes. Aliás, era na confeção destes últimos a que se dedicavam muitas mulheres no ambiente doméstico. As mulheres romanas eram, e pese à errónea imagem cinematográfica, habitantes do mundo doméstico. Eram elas que geriam a casa, que educavam os filhos – e assim sobre elas recaía a responsabilidade de formar bons cidadãos romanos –, mas também dedicavam longas horas à tecelagem. Do que não devemos duvidar é que também aquelas mulheres conheciam a vaidade e uma certa forma de encarar com entusiasmo certo tipo de produtos que, graças a elas, se difundiram por todo o império e se transformaram em prósperos negócios. Não só os perfumes, sobre os quais sabemos que existiam delicadas fragâncias vindas de Cápuia e Nápoles, o conhecido *rhodinum*, com essência de rosa, mirra, incenso e funcho – também havia uns perfumes de junco,

acessíveis aos bolsos mais pobres – mas também eram numerosas as receitas de cosméticos e cremes. Estes, com propriedades antirrugas ou clarificantes da tez, eram vendidos nas lojas dos perfumistas que existiam em muitas cidades, e nas feiras, onde certamente se venderam tantos embustes. Mas o cabelo também fez parte deste mundo feminino romano, com penteados complexos que exigiam postigos e perucas. Também as tintas como a *henna* que dava um tom avermelhado muito apreciado pelas mulheres, mas ridicularizado quando característica masculina, ainda que o loiro das escravas do norte fosse bastante perseguido. Era tão importante o penteado que havia uma escrava específica que se ocupava da difícil arte de cabeleireira, a *ornatrix*. Eram estas construções capilares suportadas por ganchos – os *aci crinali* – muitos deles de osso, prata, ou mesmo de ouro, com a cabeça decorada com figuras. As joias foram também uma paixão romana, demonstrando uma espetacular evolução no seu fabrico como consequência da ampla rede de contactos com o Oriente. O ouro era sem dúvida um dos materiais preferidos; durante o séc. III se associou ao gosto pela forte policromia das peças e no século seguinte ao das moedas incrustadas nas joias, moda de larga perduração. Mas as

joias mais importantes eram a *bullæ*, um pendente que guardava um amuleto, normalmente um pequeno falo, e que podia ser em pele, bronze ou ouro, envergado pelas crianças livres e símbolo de cidadania romana. E os anéis de ouro, exclusivos dos homens do poder, que atribuíam a quem os usava o direito a sentarem-se nas primeiras catorze filas do teatro. Por sua vez, o vestuário foi o mais evidente sinal de distinção pública numa sociedade onde as normas eram rígidas. Os homens, as crianças e as mulheres usavam as túnicas, sendo que sobre elas as senhoras ajustavam a *stola*, um vestido sem mangas, e sinal visual evidente da sua condição de matrona, *mater familias* ou viúva, sendo a sua ausência interpretada como condição adúltera. As cores e os materiais em que a roupa era confeccionada eram bastante variados: desde o linho, a lã ou mesmo o algodão, o *carbasus*, importado da Índia, ou mesmo a seda, importada e praticamente exclusiva do imperador. O homem utilizava sobre a túnica a toga: *praetexta*, para os rapazes antes dos 16 anos e decorada com uma faixa púrpura; e a *virilis*, branca, vestida por todo o cidadão livre. O código visual associado à toga permitia saber, por exemplo, quando um cidadão aspirava a um cargo público, pois usava a *toga candida*, ou quando es-

tava de luto, vestindo a sua *toga pulla*. As cores também tinham um significado mágico; entre elas, a cor púrpura, que se acreditava proteger contra o infortúnio e defender a inocência. A memória que até os dias de hoje chegou de muitos destes materiais é bastante escassa. Daquela imaterial, como a música, ou do perecível, como os objetos em madeira, pouco se pode reconstruir. Mas através do estudo da literatura clássica, das artes decorativas e do material que pouco a pouco se recupera da terra, se reconstrói parte desse quotidiano, onde a beleza e o luxo, mais do que distanciar, une, pois facilmente se compreende que ontem e hoje certos elementos serão sempre distintivos de uma determinada classe social.

PARA SABER MAIS...

ALARÇÃO 1988; FERNÁNDEZ VEGA 2003;

GRIMAL 1993; LUDI ROMANI 2002; PEREIRA 2009

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge de – O domínio romano em Portugal, Mem Martins, Europa-América, 1988.

ALFAYÉ VILLA, S.M. – “Sit tibi terra gravis: magical-religious practices againts restless dead in the ancient world”, in Marco Simón, F.; Pina Polo, F.; Remesal Rodríguez, J. (coord.) – *Formae mortis: el tránsito de la vida a la muerte en las sociedades antiguas*, Barcelona, Universitat de Barcelona, 2009, pp.181-216.

ALMEIDA, Carlos A. Brochado; Almeida, Ana P. – *Castro de São Laureço – Esposende*, Esposende, Câmara Municipal, 2008.

BEARD, Mary – *Pompeia*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2010.

BOROBIA MELEND, Enrique Luis – *Instrumental médico-quirúrgico en la Hispania romana*, Madrid, Impresos Numancia S.A.,1988.

CALDERA DE CASTRO, Pilar (ed.) – *Convivium. El Arte de comer en Roma*, Badajoz, Asociación de Amigos del Museo de Mérida, 2003.

CALO LOURIDO, Francisco – *A Cultura Castrexa*, Vigo, A Nosa Terra, 1993.

CIL II – *Cfr.* Hübner, Ernst Willibald Emil

DELGADO, Manuela – “Elementos de sítulas de bronze de Conimbriga”, *Conimbriga*, IX, Coimbra, 1970, pp. 15-40.

DIAS, Lino Tavares – “Necrópoles no territorium de Tongobriga”, *Conimbriga*, XXXII-XXXIII, Coimbra, 1993-94, pp. 107-136.

DIAS, Lino Tavares – *Tongobriga*, Lisboa, IPPAR, 1997.

DIAS, Lino Tavares – “O estuque na arquitetura romana no Norte da Meseta”, *Actas do I Encontro Sobre os Estuques Portugueses*, Porto, Museu do Estuque, 2008, p. 22-29.

DRAGENDORFF, Hans – *La sigillée: contribution à l'étude de l'histoire de la céramique grecque et romaine*, Avignon, 1980.

ENCARNAÇÃO, José d' – “A religião”, in Marques, A. H. de Oliveira – *Nova História de Portugal*, v. I, Lisboa, Presença, 1990.

ENCARNAÇÃO, José d' – “Das religiões e das divindades indígenas na Lusitânia”, in Ribeiro, José Cardim (coord.) – *Religiões da Lusitânia – Loquntur Saxa*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 2002, pp. 11-16. Disponível em linha em: <http://hdl.handle.net/10316/27809>

ENCARNAÇÃO, José d' – “O mágico simbolismo de uma árua conimbricense”, *Boletim de Estudos Clássicos*, 58, Coimbra, 2013, pp. 147-151. Disponível em linha em: <http://hdl.handle.net/10316/25163>

ENCARNAÇÃO, José d' – “Manifestaciones religiosas en la Lusitania romana occidental”, in Álvarez Martínez, J. M.; Carvalho, A.; Fabião, C. (ed.) – *Lusitania Romana – Origen de Dos Pueblos*, Studio Lusitana, 9, Mérida, Museo Nacional de Arte Romano, 2015, pp. 267-273. Disponível em linha em: <http://hdl.handle.net/10316/28664>

FABIÃO, Carlos – “O passado proto-histórico e romano”, in Mattoso, José (coord.) – *História de Portugal*, vol. 1, Lisboa, Círculo de Leitores, 1992, pp. 79-299.

FERNÁNDEZ Vega, Pedro Ángel – *La casa romana*, Ediciones Akal, 2003.

FLANDRIN, Jean-Louis; Montanari, Massimo (dir.) – *História da alimentação*, 1. *Dos primórdios à Idade Média*, Lisboa, Terra-mar, 1998.

GALLAECTIA PETREA, Xunta de Galicia, s.l., 2012.

GARNSEY, P. – *Alimentação e sociedade na Antiguidade Clássica. Aspectos materiais e simbólicos dos alimentos*, Cambridge, 2002.

GIARDINA, Andrea (dir.) – O Homem romano, Lisboa, Editorial Presença, 1992.

GRIMAL, Pierre – *La vida en la roma antigua*, Paidós Iberica, 1993.

HAYES, J. W. – *Late Roman Pottery*, London, The British School at Rome, 1972.

HOPE, V. – “Contempt and respect: the treatment of the corpse in Ancient Rome” in Hope, V.; Marshall, E. (ed.) – *Death and disease in the Ancient city*, London, Routledge, 2000, pp. 104-127.

HOPE, V. – *Death in Ancient Rome. A sourcebook*, London, Routledge, 2007.

HOPE, V. – *Roman death. The dying and the dead in Ancient Rome*, London, Continuum, 2009.

HÜBNER, Ernst Willibald Emil – *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II – *Inscriptiones Hispaniae Latinae*, Berlim, Academiae Litterarum Regiae Borussicae, 1869. Disponível em linha em <http://arachne.uni-koeln.de/books/CILvII1869>

HÜBNER, Ernst Willibald Emil – *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II *Supplementum – Inscriptiones Hispaniae Latinae*, Berlim, Academiae Litterarum Regiae Borussicae, 1892. Disponível em linha em: <http://arachne.uni-koeln.de/books/CILv2suppl1892>

ISINGS, C. – *Roman glass from dated finds*, Archaeologica Traiectina, Jacarta, 1957.

LEÃO, Delfim Ferreira – *Petrônio: Satyricon. Introdução e tradução do latim*, Lisboa, Cotovia, 2005.

LIMA, António Manuel de Carvalho – “Os Mosaicos da Igreja de Santa Maria do Freixo e a Ecclesia de Tongobriga, Paróquia da Diocese Portucalense no Século VI”, *Cadernos de Tongobriga*, 1, Porto, EAF/ DRCN, 2012.

LUDI ROMANI: *espectáculos en Hispania Romana*, Museo Nacional de Arte Romano, Mérida, 2002.

NOY, D. – “Romans”, in Davies, D.J.; Mates, L.H. (ed.) – *Encyclopedia of Cremation*, Hants, Ashgate, 2005, pp. 366-368.

PEREIRA, Maria Helena Rocha – *Estudos de História da Cultura Clássica. Cultura Romana*, v. II, Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

PÉREZ OUTEIRÍNHO, B. – “De ourivesaria castrexa. I. Arracadas”, *Boletín Auriense*. Anexo I, Ourense, Museo Arqueológico Provincial, 1982.

PONTE, Salette da – *Corpus Signarum das fíbulas proto-históricas e romanas de Portugal*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2009.

REDENTOR, Armando José Mariano – *A cultura epigráfica no Conventus Bracaraugustanus (pars occidentalis): percursos pela sociedade brácara da época romana*, Coimbra, Faculdade de Letras, 2011. Disponível em linha em: <http://hdl.handle.net/10316/19989>

REQUENA Jiménez, M. – “Nerón y los Manes de Agripina”, *Historiae*, 3, 2006, pp. 83-378.

RIC – *Cfr.* WEBB, Percy H.

RODRÍGUEZ COLMENERO, A. – “Pedras Formosas. Un Nuevo Matiz Interpretativo”, in Fernández Ochoa, Carmen; García Entero, Virginia – *Termos Romanas en el Occidente del Imperio. II Coloquio Internacional de Arqueología en Gijón*, Gijón, Principado de Asturias/ Ayuntamiento de Gijón/ Universidad Autónoma de Madrid, 2000, pp. 397-402.

SARMENTO, Francisco Martins – “Inscrições inéditas”, *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, 2ª Série, 4(4), 4(5) e 4(7), Lisboa, 1883 – 84, pp. 58-59, 69-70 e 105-106

SILVA, Armando Coelho Ferreira da – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, 2ª ed., Paços de Ferreira, Câmara Municipal, 2007.

SUÁREZ PIÑEIRO, Ana M. – *A vida cotiá na Galicia romana*, Santiago de Compostela, Lóstrego, 2006.

TOYNBEE, J.M.C. – *Death and burial in the roman world*, London, Thames and Hudson, 1971.

VAQUERIZO GIL, D. – “Espacios, hábitos y usos funerarios en la Hispania romana: reflexiones y últimas novedades”, in Andreu, J.; Espinosa, D.; Pastor, S. (ed.) – *Mors omnibus instat: aspectos arqueológicos, epigráficos y rituales de la muerte en el Occidente Romano*, Colección Estudios, Madrid, Ediciones Liceus, 2011, 191-230.

VÁZQUEZ VARELA, José M.; García Quintela, Marco V. – *A vida cotiá na Galicia castrexa*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, 1998.

WEBB, Percy H. – “The Roman Imperial Coinage. Valerian to Florian”, in Mattingly, Harold; Sydenham, Edward A. – *The Roman Imperial Coinage*, vol. V, Part I, London, Spink & Son, Ltd, 1927.

ÍNDICE

03	PREFÁCIO	79	DESEFRUTAR
		86	Adereços
07	DO GALAICO AO ROMANO	93	Joalharia
13	Fragmentos de vida	104	Cerâmica de luxo
19	NASCE	110	Entesouramento
24	Infância	111	Decoração
27	SOBREVIVER	118	Iguarias
32	Agricultura, arboricultura e recolção	119	Lazer
34	Criação de gado	121	ORAR
36	Tecelagem	125	Amuletos
47	Moagem	128	Iluminação/ ambiente
48	Metalurgia	130	Epigrafia
51	VIVER	135	MORRER
56	Serviço de cozinha	141	Sepultura do século IV d.C.
60	Serviço de mesa	148	Sepultura do século II d.C.
75	Despensa/ armazenamento	150	Sepultura do século I d.C.
		154	BIBLIOGRAFIA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Mudar de vida

EXPOSIÇÃO

CONCEÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL

António Manuel Lima

ARQUITECTURA E DESIGN

Rui Mendonça

ASSESSORIA TÉCNICA

Isabel Silva

SELEÇÃO DE PEÇAS

António Manuel Lima

e António Freitas

TEXTOS

António Manuel Lima

TRADUÇÃO

(PORTUGUÊS – CASTELHANO)

Belém Campos Paiva

(PORTUGUÊS – INGLÊS)

Jorge Martins Araújo

e Elsa Correia

AUDIOVISUAIS

Estação Arqueológica do Freixo

Museu D. Diogo de Sousa

Escola Profissional de Arqueologia

Digivision

CONSERVAÇÃO E RESTAURO

CERÂMICAS

NOVARQUEOLOGIA

José António Pereira,

Hélder Moura,

e Rosa Gerales

PEÇAS METÁLICAS

MUSEU D. DIOGO DE SOUSA

Vítor Hugo Torres

e Palmira Ramoa

Materiais provenientes de intervenções
arqueológicas em *Tongobriga*,
dirigidas por Lino Tavares Dias (1980 – 2013),
Lino Tavares Dias/ Rudolf Winkes (2004 – 2008)
e António Manuel Lima (2014 – 2016)

CATÁLOGO

CONCEÇÃO

António Manuel Lima

TEXTOS

António Manuel S. P. Silva,

António Manuel Lima,

Virgílio Hipólito Correia,

Rui Morais,

Maria Pilar Reis,

José d'Encarnação,

e Filipa Cortesão Silva

DESCRIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DE MATERIAIS

Rosa Salvador Mateos,

António Manuel Lima,

António Freitas,

e Inés López-Doriga

CONCEÇÃO E DESIGN EDITORIAL

Rui Mendonça

COLABORAÇÃO

Noémia Guarda

REVISÃO

António Manuel Lima

e Jorge Martins Araújo

ISBN

0000000000

DEPÓSITO LEGAL

0000000000

